A força da voz feminina na luta pelo reconhecimento da identidade indígena :
O caso de *Metade cara, metade máscara* de Eliane Potiguara

Eva BATLIČKOVÁ

Instituto de Línguas e Literaturas Românicas, Universidade Masaryk, Brno, República Checa

DOI : https ://doi.org/10.17184/eac.9357

Resumo: Este texto apresenta a obra da ativista e escritora indígena brasileira Eliane Potiguara no contexto do pensamento decolonial, salientando o ponto de vista do pensamento liminar (Walter Mignolo), da importância da recontextualização da história dos povos (Achille Mbembe) e do feminismo subalterno (Oyevumi, Lugones). No foco do trabalho, encontra-se a questão da reconstrução da identidade da mulher indígena no livro Metade cara, metade máscara (2004) com o propósito de apontar à emergência de novos aspectos relacionados às novas subjetividades no campo da literatura contemporânea.

Palavras-chave: Literatura indígena. Feminismo subalterno. Decolonialismo. Novas subjetividades. Literatura contemporânea.

1 Espaço das ativistas e das escritoras indígenas na sociedade brasileira

O papel das mulheres nativas na articulação da luta política pelo reconhecimento dos direitos dos povos originários no Brasil foi crucial desde os seus princípios, que estão relacionados à formação do movimento indígena no país na época da ditadura militar. Os debates vinculados ao conceito de feminismo indígena surgem neste contexto mais amplo da crescente conscientização política dos povos autóctones. Na década de 1980, começam a ser criadas as primeiras organizações femininas: a AMARN (Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro) e a AMITRUT (Associação da Mulheres Indígenas de Taracuá, Rio Uaupés e Tiquié). As primeiras pautas giram em torno dos temas da educação das crianças, da capacitação das mulheres e da sua saúde, além do

reconhecimento das mulheres pelas lideranças masculinas como vozes relevantes nas comunidades (Lima, Roesler in Calil, 2019, 28-31).

A base do engajamento político e social da mulher nativa em prol dos seus diretos é, no entanto, completamente diferente das pautas que conhecemos do feminismo considerado hegemônico. A própria ideia de "mulher" como categoria binária e socialmente hierárquica em relação à categoria "homem" não existia na culturas pré-colombianas e sua presença nelas está diretamente relacionada à herança colonial. Trata-se, aliás, de um fenômeno muito mais amplo. A categorização binária e estritamente biologizante é intrínseca à organização da sociedade ocidental e está alheia às bases da dinâmica da vida comunitária e social de grande parte das culturas extra-ocidentais. A socióloga nigeriana Oyeronke Oyewumi, em seu livro *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourse* (1997), relativiza e contextualiza a categoria "mulher" que seria "[…] derivada da experiência e história ocidentais, uma história enraizada em discursos filosóficos sobre as distinções entre corpo, mente e alma, em ideias sobre determinismo biológico e ligações entre o corpo e o 'social' " (Oyewumi, 2021, 20). Ela demonstra sua incompatibilidade com o entendimento dos elementos feminino e masculino na comunidade iroubá da qual faz parte e à qual se dedica em suas pesquisas. Chama atenção ao fato de que, em sua cultura, a identidade social é relacional e não essencial como na cultura ocidental. Ela aborda a binaridade ocidental com os termos "sexo anatômico", "macho anatômico" e "fêmea anatômica" para os diferenciar dos conceitos mais amplos e complexos de mulher e de homem como eram compreendidos na sociedade iorubá pré-colonial.

> Meu propósito ao qualificar esses termos com "anatômico" (ou "ana-") é mostrar que as distinções [corporais] iorubás eram superficiais e não assumiram nenhuma dimensão hierárquica social, como no Ocidente (as categorias sociais ocidentais derivam essencialmente de um dimorfismo sexual percebido no corpo humano). O gênero simplesmente não era inerente à organização social humana. (Oyevumi, 2021, 19)

Em grande parte das culturas pré-colombianas, o elemento feminino gozava de um grande respeito, já que era considerado fundamental na criação do mundo. Sua valorização se manifestava na própria organização social que reservava lugar importante às mulheres. Embora houvesse a categorização do elemento masculino e feminino, eles eram considerados complementares e socialmente permeáveis. María Lugones, socióloga argentina especializada em feminismo decolonial, comenta a interconexão e a fluidez das relações na cosmogonia dos povos autóctones que, na cultura ocidental, são entendidas como dicotômicas.

> *Dichotomous and categorical thinking are central to Western modernity and are absent in all the Indigenous understandings of reality with which I have become familiar. I know the Andean and Mesoamerican cases the best. For Andean peoples the mountain and the valley are opposites, but like night and day, man and woman, they are not dichotomous opposites. None of these are bounded categories; indeed, they do not make*

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

> *sense except as interconnected, inseparable, fluid. […] Everything is interconnected, including the almas, souls, everything in the cosmos. There are no transcendent, nonconnected beings.* (Lugones in Espinosa-Miñoso, Lugones, Maldonado-Torres, 2021, p. 14,15)

O esforço das mulheres indígenas para conquistar seu reconhecimento social é, assim, voltado indispensavelmente contra a herança colonial que se sobrepôs às culturas ancestrais. E, consequentemente, este problema não se restringe às mulheres, ele está focado na conscientização tanto das mulheres como dos homens nativos pela recuperação da importância do papel do elemento feminino nas comunidades. É essencial lembrar que, no decorrer do processo colonizador, não se aplicava às mulheres indígenas a categoria europeia "mulher", que, em princípio, se limitava à mulher burguesa branca, em teoria frágil física e psiquicamente, que, porém, teve o direto de gerar os indivíduos portadores da civilização, ou seja, homens e mulheres brancos. As mulheres indígenas e negras não eram consideradas frágeis, tampouco eram reprodutoras dos portadores da civilização. Elas, durante séculos, foram reduzidas ao papel de fêmeas sujeitas à violência efetuada em vários níveis. E, desta hierarquização racista, participaram também as mulheres brancas.

Qual é, então, o lugar de fala das mulheres indígenas hoje? De onde vem a sua voz? Já a partir das décadas de 1960 e 1970, começaram a aparecer, nos discursos dos antropólogos e filósofos (Mignolo, 2020, 44-45), menções à emergência do pensamento subalterno que, desde então, ganha cada vez mais visibilidade e importância. Ao lado das teorias que focam as novas epistemologias partindo dos pesquisadores ocidentais especializados no pensamento pós-colonial (Orientalismo de Edward Said, Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos etc.), a partir da época 1990, estão sendo formuladas teorias do pensamento decolonial (por exemplo, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Achille Mbembe), que articulam uma alternativa ao pensamento hegemônico vindo do ambiente acadêmico ocidental, partindo das reflexões provenientes das regiões colonizadas. O semiólogo e teórico literário argentino Walter Mignolo introduz, neste contexto, o conceito do pensamento liminar:

> Na perspectiva da colonialidade, as macronarrativas são precisamente os lugares nos quais "um outro pensamento" poderia ser implementado, não para dizer a verdade em oposição às mentiras, mas para pensar de outra maneira, caminhar para "uma outra lógica" — em suma, para mudar os termos, e não apenas o contexto da conversação. Essas narrativas propiciam pensar a colonialidade, e não apenas a modernidade, de forma livre. As implicações epistemológicas dessas possibilidades são enormes. (Mignolo, 2020, 106)

A implantação do pensamento hegemônico às regiões colonizadas não atingiu, porém, apenas a esfera da produção do conhecimento. Ele se espalhou por outras dimensões da vida dos povos colonizados. Mignolo mostra a interligação de diferentes esferas do poder que, em conjunto, ainda potencializam seu efeito. Ele destaca quatro esferas fundamentais: o poder econômico, que abrange tanto a apropriação das terras como

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

exploração dos recursos naturais e do trabalho dos povos subordinados; o controle da autoridade desde o regime monárquico até o sistema do direito e das relações internacionais da atualidade; o controle do gênero e da sexualidade (diretamente ligada ao nosso tema), que envolve tanto a categoria "mulher" como a família tradicional cristã vitoriana; e, por fim, a última esfera do poder, relacionada ao conhecimento e à formação da subjetividade. Esta última inclui instituições de ensino que são cruciais na articulação de uma certa concepção do mundo e na formação de subjetividades. Mignolo o exemplifica na categoria atual de "consumidor". (Mignolo, 2008, 7-8)

A abrangência das pautas incluídas na luta dos povos originários pela preservação da sua própria cultura, sendo mulheres ou homens, manifesta-se naturalmente também no campo da escrita que apresenta características diferentes das da literatura ocidental. Além do engajamento político e social que, na literatura ocidental, seria considerado o sinal da literatura panfletária, enfrentamos o problema da autoria que é frequentemente considerada coletiva. Assim, o lugar da fala é muito mais significativo do que o indivíduo que se encarregou da escrita final. O último traço marcante que podemos mencionar nesta breve relação é a conservação consciente da oralidade nos textos escritos como um atributo essencial das culturas autóctones.

É imprescindível mencionar mais um aspecto: a escrita indígena, além de ser uma continuação da atuação política, é um indispensável ato moral. Reescrever a sua própria história que, durante séculos, foi construída unilateralmente pelos agentes da cultura opressora e marcada pelo racismo, desqualificação moral e instrumentalização da população subjugada é crucial para a reconstrução da própria identidade. Toda uma construção ontológica precisa ser desconstruída e combatida.

> No prolongamento da Emancipação e da Reconstrução, a reescrita da história é, mais do que nunca, considerada um ato de imaginação moral. O gesto histórico por excelência consistirá doravante em passar do estatuto do escravo ao de cidadão *como os outros.* (Mbembe, 2014, 60)

Para o filósofo camaronês Achille Mbembe, a dimensão performativa da reescrita é fundamental, já que ela tem o potencial de devolver aos povos colonizados o papel de agentes da própria história.

2 O caso Eliane

A trajetória da família de Eliane Potiguara, marcada pela violência, migração forçada, luta pela sobrevivência agravada por preconceitos sociais, assemelha-se a tantos outros relatos das famílias indígenas brasileiras. A morte violenta do seu bisavô na disputa pelo território da década de 1920, seguida pela destruição da aldeia onde todos os familiares moravam, obrigou as filhas do falecido, com as crianças pequenas, a migrar para o Nordeste e, mais tarde, para a periferia do Rio de Janeiro, onde Eliane nasceu. Apesar de ter frequentado a escola comum com outras crianças da região, a avó procurava mantê-la longe do mundo dos "brancos" e, no isolamento da casa, ela passava para a pequena neta ensinamentos e tradições da própria cultura (Potiguara, 2018, 24-28).

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

Eliane Potiguara formou-se em Literatura e Língua portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também se licenciou em Educação. Mais tarde, ela se especializou em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mesmo vivendo longe da aldeia dos seus antepassados, Eliane não desistiu da busca de suas raízes: o encontro com seus parentes fortaleceu ainda mais sua determinação de se dedicar ao trabalho voltado à preservação da cultura indígena, à luta pelos direitos dos povos nativos e, sobretudo, das mulheres.

Seu engajamento sempre focava várias frentes: a conscientização das mulheres indígenas, a alfabetização e a educação, assim como a defesa dos direitos dos povos nativos que atravessam as fronteiras do Brasil, inserindo-se no contexto do pan-indianismo. Em 1987, foi formalizada juridicamente a primeira organização das mulheres indígenas brasileiras da qual Eliane foi fundadora. O Grupo GRUMIN (Grupo Mulher-Educação Indígena) focava o reconhecimento dos direitos das mulheres indígenas e o direito à sua saúde reprodutiva. Anos depois, ela própria descreve as atividades do grupo:

> Os cursos de capacitação, as consultas nacionais, os seminários sobre família e cidadania e sobre direitos reprodutivos, as feiras de artesanatos, os projetos de desenvolvimento comunitário, as cartilhas, os jornais, os panfletos e os livros de conscientização contra o alcoolismo, contra a violência, contra a desinformação, contra o analfabetismo, contra a ignorância de não se querer preservar e em prol de resgatar a identidade indígena, todas essas ações e outras foram estratégias que utilizamos no GRUMIN, no período de 1988 a 1996, época em que atuei em campo, objetivando trazer o assunto à tona. Foi um desafio. (Potiguara, 2018, 51)

Na mesma época, colaborou com a articulação dos direitos dos povos originários registrados na Constituição de 1988. Em 1995, Eliane ajudou a criar o grupo das mulheres indígenas na América Latina, ECMIA (*Enlace Continental de Mujeres Indígenas*).

Durante mais de uma década, participou do grupo de trabalho na "Declaração Universal dos Direitos Indígenas", na ONU. Em 2011, Eliane foi nomeada Embaixadora Universal da Paz, em Genebra, e, em dezembro de 2021, recebeu o título de doutora *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No campo da literatura, Eliane Potiguara é uma pioneira entre os autores indígenas, já que seu primeiro poema, "Identidade Indígena", foi publicado já em 1975, muito antes da aparição dos livros dos seus colegas nas prateleiras das livrarias brasileiras, fenômeno situado na década de 1990. No contexto do projeto do GRUMIN, publicou duas cartilhas importantes: em 1989, o livro-cartilha *A Terra é a Mãe do Índio*, com a proposta de conscientizar as mulheres nativas sobre saúde e direitos reprodutivos. O livro foi traduzido para o inglês e premiado pelo *Pen Club* da Inglaterra. A segunda cartilha é a da alfabetização da população autóctone, *AKAJUTIBIRÓ, Terra do índio Potiguara*, lançada em 1994 com o apoio da Unesco. Ela é baseada no método dialógico de educação de Paulo Freire, que é uma referência internacional no contexto da pedagogia desde os anos 1970..

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

Sua obra prima, *Metade cara, metade máscara*, publicada em 2004 e chegando à terceira edição em 2018, pode ser considerada um importante testemunho da luta da mulher indígena pela preservação da sua cultura, mostrando várias dimensões do campo da atuação.

3 A caminho da conscientização: *Metade cara, metade máscara*

O tema do livro é claro e seu desenvolvimento é exposto de antemão nos nomes dos sete capítulos. Eles formam o caminho dos povos nativos, desde a invasão das terras pelos colonizadores até a sua vitória que se dá nos tempos atuais através da sua conscientização. À primeira vista, percebe-se o destaque que a autora concede às mulheres, aos ancestrais e à espiritualidade indígena. Vejamos: "Invasão às terras indígenas e a migração"; "Angústia e desespero pela perda das terras e pela ameaça à cultura e às tradições"; "Ainda a insatisfação e a consciência da mulher indígena"; "Influência dos ancestrais na busca pela preservação da identidade"; "Exaltação à terra, à cultura e à espiritualidade indígenas"; "Combatividade e resistência"; "Vitória dos povos."

Cada capítulo é dedicado a uma fase de experiência histórica dos povos originários com a colonização e como articularam a luta pela preservação da sua identidade. Isso, porém, faz do livro uma obra singular são as múltiplas dimensões dentro das quais este caminho está sendo traçado. Os capítulos contêm vários planos dentro dos quais o tema principal está abordado: acontecimentos históricos, experiência pessoal, reflexão política e social, apresentação de vários projetos públicos e, finalmente, poemas que proporcionam uma profundidade de emoções vivas de uma sensibilidade pessoal.

Vejamos mais de perto como a autora trabalha seu texto. O primeiro capítulo que tematiza a invasão das terras indígenas, genocídio dos povos nativos e a migração forçada das mulheres abandonadas com os filhos pequenos, apresenta este desastre primeiramente nos acontecimentos históricos. Como exemplo serve o combate do povo Guarani com o exército dos colonizadores no Sul do Brasil em meados do século XVIII.

> Os exércitos português e espanhol, na batalha de 7 de fevereiro de 1756, próxima a Bagé (sudoeste do Rio Grande do Sul), assassinaram Sepé Tiaraju e mais 10 mil Guarani. Sua esposa, Marina (Juçara), levaria às costas a menina recém-nascida que Sepé jamais veria. Era o início da solidão das mulheres, motivada pela violência, pelo racismo e por todas as formas de intolerância referentes inclusive à espiritualidade e à cultura indígenas. (Potiguara, 2018, 23)

Em seguida, os acontecimentos históricos se atualizam, assim como os mitos nos rituais e nas narrativas, e se manifestam na vida das pessoas. A tragédia de Sepé morto e de sua mulher Marina obrigada a abandonar sua terra com uma criança pequena se repete num outro contexto com a família da própria Eliane.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

> Dando um salto cronológico na história, já na segunda década do século XX, a violação aos direitos humanos dos povos indígenas continua. E, aqui, contamos não um caso particular, mas um caso comum a milhares de brasileiros, migrantes indígenas. Conta-se que o índio X, pai das meninas Maria de Lourdes, Maria Isabel, Maria das Neves e Maria Soledad, por combater a invasão às terras tradicionais no Nordeste, foi assassinado cruelmente, segundo palavras de uns velhos que encontrei um dia. Amarraram-lhe pedras aos pés, enfiaram um saco em sua cabeça e o arremessaram ao fundo das águas do litoral paraibano. [...] As filhas do índio X e toda a sua família, amedrontadas, assim como outras famílias, migraram para Pernambuco, nordeste do Brasil. Em 31 de dezembro de 1928, nascia a pequena Elza, filha de Maria de Lourdes, fraquinha e enferma – tanto pelas condições de vida de sua família quanto por sua própria mãe ter somente 12 anos, uma menina ainda em formação, violentada sexualmente pelo colonizador. (Potiguara, 2018, 24)

Elza é a mãe de Eliane. Embora Eliane não seja a filha do estuprador, violência e solidão das mulheres são marcantes na sua vida.

A terceira dimensão dentro da qual a autora aborda o tema é simbólica, representando a experiência do seu povo em nível mais abrangente. Com este fim, Eliane aproveita personagens de um casal indígena que criou na sua poesia de 1982, "Ato de amor entre povos":

> Jurupiranga e Cunhataí são dois personagens do texto Ato de amor entre povos, de minha autoria, reproduzido nas próximas páginas, que sobreviveram à colonização e, poeticamente, vão nos contar as suas dores, lutas e conquistas. Esses personagens são atemporais e sem locais específicos de origem. Eles simbolizam a família indígena e o amor, independentemente de tempo, local, espaço onírico ou espaço físico; eles podem mudar de nome, ir e voltar no tempo e no espaço. (Potiguara, 2018, 31)

Os poemas, que estão colocadas no fim do capítulo ou se intercalam com outros breves textos, correspondem ao tema preenchendo-o de sentimentos à flor da pele.

> INVASÃO
>
> Quem diria que a gente tão guerreira
>
> Fosse acabar um dia assim na vida.
>
> Quem diria que viriam de longe
>
> E transformariam teu homem
>
> Em ração para as rapinas.
>
> Quem diria que sobre os escombros
>
> Te esconderias e emudecerias teu filho – fruto do amor.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

Cenário macabro te é reservado.
Pra que lado tu corres,
Se as metralhadoras e catanas e enganos
Te seguem e te mutilam?
É impossível que mulher guerreira
Possa ter seu filho estrangulado
E seu crânio esfacelado!
Quem são vocês que podem violentar
A filha da terra
E retalhar suas entranhas?
(Potiguara, 2018, p. 33)

Os aspectos formais do texto, como o hibridismo e a presença da oralidade, complementam a mensagem do livro. Não é só o conteúdo que trata do assunto dos povos nativos, uma história que precisa ser preservada e recontada. Podemos perceber que é sobretudo a forma como é expressa a cultura, de cujo significado ela é a própria portadora.

Como já mencionamos, o apelo ao papel crucial da mulher nativa é significativo desde as primeiras páginas do livro. Enquanto os homens-guerreiros morrem na luta desigual contra os opressores, e os outros são obrigados a se adaptar às normas da cultura imposta para proteger suas famílias, as mulheres são encarregadas de preservar a cultura e a identidade.

> Com relação à cultura indígena, a mulher é uma fonte de energias, é intuição, é a mulher selvagem não no sentido primitivo da palavra, mas selvagem como desprovida de vícios de uma sociedade dominante, uma mulher sutil, uma mulher primeira, um espírito em harmonia, uma mulher intuitiva em evolução para com sua sociedade e para com o bem-estar do planeta Terra. Essa mulher não está condicionada psicológica e historicamente a transmitir o espírito de competição e dominação segundo os moldes da sociedade contemporânea. O poder dela é outro. Seu poder é o conhecimento passado através dos séculos e que está reprimido pela história. (Potiguara, 2018, 46)

A importância da mulher indígena na recuperação da vida digna dos povos, a autora concretiza no exemplo das suas próprias atividades. Em várias páginas e em detalhes, apresenta o projeto do grupo GRUMIN desde seus pressupostos e pontos de discussão até as soluções que oferece. (Potiguara, 2018, 49-54)

As mulheres indígenas, porém, não enfrentam apenas os preconceitos relacionados ao gênero, mas também os raciais que, às vezes, na disputa política, são invertidos. Fica assim questionada sua identidade com argumentos de que vivem nas cidades grandes e são educadas e formadas nas instituições do ensino.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

> Eu mesma sentia os olhares questionadores quando distribuía o polêmico Jornal do Grumin, em um encontro muito conhecido em Altamira (Pará), o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, sobre hidrelétricas, no final da década de 1980. Lembro-me como uma minoria de sociólogos, sutilmente, causava desconforto entre nós, indígenas, por sermos urbanos, aldeados do Nordeste ou desaldeados citadinos. A discriminação contra nossa consciência era enorme, principalmente quando vínhamos das cidades. Imaginem! Nós tínhamos nossas terras e fomos acuados para as cidades! Não somos culpados. De vítimas, passamos a ser discriminados como oportunistas! (Potiguara, 2018, 50)

Mesmo que Eliane não discuta o próprio conceito de mulher, fica claro que seu entendimento do elemento feminino é muito mais interligado com outras dimensões da vida e do universo do que costumamos entender pela categoria de mulher na cultura ocidental. Um exemplo eloquente encontra-se na estreita conexão do corpo da mulher com o território e, consequentemente, com a questão ambiental.

> Vamos ousar dizer que não haverá defesa do meio ambiente se inicialmente não se reconhecerem os direitos indígenas. O meio ambiente, o território, o planeta Terra estão intrinsecamente ligados ao ventre da mulher indígena, da mulher selvagem nos dois sentidos (primeira cidadã do mundo e intuitiva) e, por isso, não haverá defesa ambiental se não se destacar a influência e o conhecimento milenar da mulher, do ser que habita esse meio ambiente. Isso é um testemunho para a sociedade e para a formação da cidadania brasileira. (Potiguara, 2018, 58)

Da mesma forma que o elemento feminino é algo cósmico, o amor também é: "O ato de criação é um ato de amor. Amor a si mesmo, amor ao próximo, amor à natureza. Pode ser criar um texto, uma música, uma pintura ou qualquer outra arte." (Potiguara, 2018, 59). Nos dois capítulos que seguem, podemos acompanhar novamente um diálogo entre o plano simbólico e o da experiência pessoal. A narrativa central do terceiro capítulo é a história de Cunhataí. Quando sua mãe engravidou, descontente com as condições de vida dos povos ao redor, tomou uma erva para abortar. Cunhataí sobreviveu no ventre da mãe, mas nasceu com uma mancha roxa no olho direito em formato da estrela. A criança tinha o dom de ver os espíritos e, graças a sua marca visível, gozava do respeito dos líderes indígenas. (Potiguara, 2018, 73) Só depois de percorrermos quase 40 páginas sobre outros assuntos, nos damos conta de que se trata da história da própria autora:

> Nasci com uma mancha roxa no olho direito. A sociedade me discriminava, principalmente os homens, que diziam que eu havia tomado um soco no olho ou tomado uma surra do marido e que eu era marcada pela polícia. Eu me sentia muito mal com todos esses preconceitos. (Potiguara, 2018, 109)

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

É o que se percebe também neste trecho:

> Tempos depois, ao me encontrar com uma delegação indígena no Novo México, em Albuquerque (Estados Unidos), fui homenageada, também sem saber a razão, por um xamã Potyguara e seus seguidores espirituais. O xamã Potyguara me disse, em 1979, que o Pitiguary (o pássaro que anuncia) anunciava a chegada de um ser humano que possuía a seta direcionada para uma obrigação, um trabalho, por exemplo, e poderia arriscar a dizer, talvez uma pequena missão espiritual, com a humildade dos cães obedientes e que servem aos seus donos. Dizia-me o velho João Batista Faustino: "Eu já sei quando você vai chegar, o Pitiguary canta, Eliane já vem, Eliane já vem, Eliane já vem!". Tanto era que o líder indígena potyguara Tonhô e sua esposa colocaram meu nome e de Taiguara em dois filhos seus. (Potiguara, 2018, 110)

O quarto capítulo, com o subtítulo "A importância da família, dos avós e dos antepassados indígenas", aborda uma série de temas em que a mulher, sua força e sensibilidade encontram-se em primeiro plano. A complementaridade da mulher e do homem, dos elementos feminino e masculino e a sua dimensão espiritual mostram-se constitutivos da vida saudável da comunidade.

> A chama do conhecimento ancestral, seja indígena, seja oriunda de outras raízes, deve ser reavivada imediatamente na alma de todas as mulheres, e dos homens também, para que possa despertar o feminino dentro dela, e a parceria homem mulher seja comungada dentro dos princípios dos direitos humanos mais transcendentais. (Potiguara, 2018, 89)

A história que Eliane denominou "Vi um indiozinho escorrendo pelo bueiro" é, sem dúvida, um dos momentos mais fortes do livro. A cena que ela descreve é uma gritante denúncia da injustiça social. A forma pela ela qual deixa transparecer as emoções mostra a sensibilidade feminina (que já é palpável no título, pelo uso da palavra carinhosa "indiozinho") e sua revolta como mãe. É o que se observa nos excertos a seguir:

> Vi um indiozinho escorrendo pelo bueiro. A metade de seu corpo superior debruçava-se sobre o meio-fio da rua e a outra parte jazia cansada, escorrendo pelo esgoto urbano. (Potiguara, 2018, 102) Eu nunca vira uma cena como essa. Nessa noite eu não dormi. (103) Toda essa cena contrastava-se com a propaganda da arte indígena que, naquele momento, fazia sucesso em uma exposição citadina que corria o Brasil: "arte milenar indígena não morre!"… Mas as pessoas indígenas morrem pela falta de uma posição governamental que faça exercer os direitos indígenas neste país. O indígena precisa sair das paredes dos museus, das salas de exposição! (Potiguara, 2018, 103)

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

> O menino era „… um pedinte indígena, uma nova classe social criada pela pobreza. *E meu útero de mãe rosnou, rosnou tanto que uma dor rouca, uma dor cavernosa saiu pelas minhas entranhas, uma dor insuportável que esmigalhava minha alma, minha essência indígena, meus berros internos!* [grifo nosso]. Indigente indígena: indigno isso! (Potiguara, 2018, 105)

Um dos temas-chave do quinto capítulo é a importância do sonho na vida de uma pessoa indígena. O sonho é algo recorrente nos textos dos autores nativos (Krenak, Kaká Werá, Kopenawa) e, além do aspecto espiritual, possui também o aspecto prático nas decisões, sejam elas pessoais ou destinadas à comunidade. Enquanto o espaço onírico é, na cultura ocidental, geralmente reduzido ao devaneio, na cultura indígena, os sonhos são parte importante da vida humana, e suas mensagens têm as consequências diretas para os acontecimentos futuros.

> Os sonhos eram canais de revelação. Por meio dos sonhos, eu podia escrever meus textos, minhas orações, minhas poesias e, inclusive, direcionar meu trabalho dentro do GRUMIN. (Potiguara, 2018, 121)

Considerando o princípio da complementaridade característico ao pensamento indígena, não é por acaso que o outro tema importante deste capítulo são as viagens. Os sonhos, que vêm do interior da alma, e as viagens, que mostram o lado externo do mundo, possuem a capacidade de ampliar nossos horizontes, apresentar novos caminhos e perspectivas diferentes.

> Na Índia, compreendi que, para nascermos belos e éticos, precisamos ser como a flor de lótus: nascer na lama, possuir as raízes no povo e florescer no ar puro, fortalecer colorida, bela, formosa e próspera, como a imagem da deusa da prosperidade indiana Nataraja. Ou mãe Oxum, ou Afrodite, simbologias que representam o rio, o amor e a prosperidade. (Potiguara, 2018, 129)

Os últimos dois capítulos, o sexto e o sétimo, desenvolvem-se sobretudo no plano simbólico. O sexto é dedicado aos guerreiros indígenas representados por Jurupiranga, seus destinos e os compromissos que cumpriram no decorrer dos séculos da colonização do país. E o sétimo, enfim, traz o ansiado encontro da mulher indígena com o homem/guerreiro, de Cunhataí e Jurupiranga. A missão da mulher nesta conquista da vitória dos povos mostra-se determinante.

> Todos na comunidade esperavam a volta de Jurupiranga. Muitos séculos haviam se passado, mas, na simbologia da volta daquele homem, viriam vários outros homens de outros séculos que a mesma dor passaram. Cunhataí convocou uma assembleia geral para definir como recepcionariam os guerreiros. (Potiguara, 2018, 154)

No entanto, a função da mulher forte é, na história contada por Eliane, substituída pelo encargo fundamental da comunidade. A autora sutilmente tira da cena Cunhataí

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

que, até certo momento, responsabiliza-se por todos os preparativos para a recepção dos homens. Na hora de cozinhar o doce de caju, aparece uma calda escura que estraga tudo e suja a escola onde a festa de recepção irá acontecer. Cunhataí está profundamente desapontada, compreendendo que se trata de uma materialização dos vícios da colonização que impregnaram a comunidade. Ela então convoca as crianças e os jovens para limparem a calda, mas ela própria se sente demasiadamente fraca e fisicamente esgotada e envelhecida para ajudar naquele momento. Afasta-se por alguns minutos para descansar e, quando volta, dá-se conta de que não apenas a sujeira da calda já foi limpa, mas também de que a festa com a recepção dos guerreiros e de Jurupiranga já ocorreu. Perplexa no primeiro instante, decepcionada por não participar do momento por que tanto ansiava, começa a entender que aconteceu a coisa certa: o povo conscientizado mostrou-se plenamente capaz de embarcar no projeto da recuperação da sua identidade.

Apesar de a festa ter acabado, os guerreiros permanecem na aldeia. Torna-se claro que vieram para ficar. Cunhataí então sente um grande alívio depois de tantos séculos do peso que carregava nas suas costas e ao seu corpo volta a juventude e à sua vida a felicidade.

> Havia se libertado de seu casco grosso e pesado, seu fardo… e, pela primeira vez, uma grande alegria inundou seu coração e espírito – a felicidade da mulher – pois todos haviam trabalhado por esse objetivo. (Potiguara, 2018, 156)

A autora encerra seu livro com o poema "Ato de amor entre povos", no qual, em 1982, apresentou pela primeira vez ao mundo Jurupiranga e Cunhataí.

> BOCA VERMELHA, guerreiros das cordilheiras,
> cansado… Repousava adormecido sob o orvalho.
> Abriram-lhe os olhos rubros raios solares,
> aromas silvestres, canções da mata.
> Era Cunhataí – trêmula – errante das águas,
> envolta em folhagens, flores mas sem abrigo…
> Cantou-lhe em voz alta e compassada,
> uma canção de amor… Mas sem destino:
> (porém ele nada dizia e tudo entendia)
> – Desperta JURUPIRANGA!
> Vem me ver que hoje acordei suada.
> Benzo com o sumo de minha rosa aberta, enamorada,
> as manhãs de delírio, completamente cansada.
> Vem, que te sonhei a noite toda:

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

puro, te revelando nas águas do Orinoco,
sorrateiro, espreitando o massacre de Potosi.
(Potiguara, 2018, 156-157)

Uma poesia sensual apontando o início da vida nova. A vida sob os princípios do panindianismo, superando as fronteiras dos estados hoje considerados nacionais impostas pela cultura dos colonizadores.

E os POTIGUARAS, comedores de camarão
que HOJE – carentes –
nos recomendarão a Tupã.
E te darão o anel do guerreiro – parceiro
E a mim?
Me darão a honra do Nome A ESPERANÇA – meu homem!
De uma pátria sem fim.
(POTIGUARA, 2018, 158)

4 Conclusão

Não há dúvida de que, no Brasil, os representantes da cultura autóctone têm ganhado cada vez mais espaço tanto na política como no âmbito cultural e intelectual. Uma prova disso pode ser encontrada na criação do Ministério dos Povos Indígenas, em janeiro de 2023, sob a gestão de Sônia Guajajara, uma das ativistas indígenas de longo histórico.

Outro marco notável do reconhecimento social do legado dos povos autóctones é a posse de Ailton Krenak, ativista, ambientalista e poeta indígena, que, em 5 de abril de 2024, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Vale a pena lembrar que a instituição tradicionalmente considerada conservadora abriu suas portas à primeira mulher só em 1977, depois de 80 anos de sua existência. O concorrente de Krenak na disputa pela cadeira 5 da ABL foi Daniel Munduruku, importante autor indígena que dedica a sua obra sobretudo às crianças e ao público jovem. Munduruku conta mais de 50 livros publicados, dos quais vários traduzidos. E o livro de Davi Kopenawa, *A queda do céu: palavra de um xamã Yanomami*, escrito junto ao antropólogo francês Bruce Albert (publicado em 2010, na França, e traduzido, em 2015, para o português) tornou-se um clássico para os todos que querem adentrar a cultura indígena pela porta da frente, sem intermediações da ótica da cultura ocidental.

Embora os livros de autores masculinos claramente predominem no campo da escrita indígena, a presença de mulheres escritoras é forte e insubstituível. Elas ampliam de forma fundamental os estudos decoloniais abrindo temas e horizontes novos e questionando os conceitos que costumamos entender como universais. Seus textos mostram maneiras diferentes de ser mulher e assim fornecem um vasto material com capacidade de transformar as concepções tradicionais relacionadas aos movimentos feministas, suas manifestações, objetivos e valores. O livro *Metade cara, metade máscara* é

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

um testemunho singular que Eliane Potiguara nos oferece para iluminar o universo das mulheres indígenas que foram amordaçadas pela história e nas últimas décadas finalmente têm ganhado a voz para se engajar de forma aberta em prol das suas comunidades.

Bibliografia

Espinosa-Minoso, Yuderkys; Lugones, María; Maldonado-Torres, Nelson_._ (2021) *Decolonial Feminism in Abya Yala. Caribbean, Meso, and South American Contributions and Challenges.* Lanham, Boulder, New York, London, ROWMAN & LITTLEFIELD.

Lima, Andressa Caroline de; Roesler, Marli Renate von Borstel. "Feminismo indígena: vozes e sireitos silenciados" (2019), in: Grassi, Gilberto Calil; [*et al.*] (éd.). *Anais do VII Simpósio de Pesquisa Estado e Poder: direitos, democracias e lutas sociais em tempo de crise.* Cândido Rondon.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*, Trad. Marta Lança, Lisboa, Antígona, 2014.

Mignolo, Walter (org.). *Género y descolonialidad*, Buenos Aires, Del Signo, 2008.

Mignolo, Walter. *Histórias locais/Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, Trad. Solange Ribeiro de Oliveira, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2020.

Oyewumi, Oyeronke, *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero,* Trad. Wanderson Flor do Nascimento, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.

Potiguara, Eliane, *A Terra é a Mãe do Índio*, Rio de Janeiro, Grumin, 1989.

Potiguara, Eliane. *Metade cara, metade máscara.* Rio de Janeiro, Grumin (3 ed), 2018.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813005359, doi : 10.17184/eac.9782813005359